

ANNO XXXII N 03 MARÇO 2015

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares



**Frutos
do Carisma**
Luce Ardente em
Itália

**Prioridade
para os diálogos**
Encontros com
o Centro da Obra
Um caminho cheio
de novidades

**Escola de
Humanidade Nova**
Participação,
palavra chave
para a fraternidade

Diplomacia divina

O dia 14 de março é dedicado ao aprofundamento da relação de Chiara com a política. O texto que propomos parece-nos, mais do que nunca, atual na complexa e dolorosa situação mundial, em que muitos países - e muitos dos nossos - ainda sofrem por violências e guerras activas.

Quando alguém chora, devemos chorar com ele. E se estiver a rir, regozijar-se com ele. E assim, a cruz é partilhada e levada por muitos ombros, e multiplica-se a alegria, participada por muitos corações. Fazer-se um com o próximo é um caminho, o caminho principal para se fazer um com Deus.

Caminho principal porque, nesta caridade, está a fusão dos dois primeiros e principais mandamentos. Fazer-se um com o próximo por amor a Jesus, com o amor de Jesus, até que o próximo, docemente ferido pelo amor de Deus em nós, queira fazer-se um connosco, num intercâmbio de ajudas, de ideais, de projetos, de amizade. Até se estabelecer entre os dois aqueles elementos essenciais para que o Senhor possa dizer de nós: «Onde dois ou três estiverem reunidos no meu nome, aí estou eu no meio deles (Mt 18,20). Ou seja, até garantir, naquilo que depende de nós, a presença de Jesus e caminhar na vida, sempre, como uma pequena Igreja a caminho. Igreja até quando se está em casa, na escola, na oficina, no parlamento.

Caminhar na vida como os discípulos de Emaús, com o Terceiro no meio de nós, que dá um sabor divino a todo o nosso agir.

Então já não somos nós a agir na vida, míseros e limitados, sozinhos e sofredores. Connosco caminha o Onnipotente. E quem permanece unido a Ele, dá muito fruto.

De uma célula, outras células, de um tecido, outros tecidos.

Fazer-se um com o próximo naquele total esquecimento de si que possui – sem reparar e sem o cultivar – aquele que recorda o outro, o seu próximo.

Esta é a diplomacia da caridade, que tem, da diplomacia comum, muitas expressões e manifestações. Por isso, não diz tudo o que poderia dizer, porque não seria do agrado do irmão e nem seria do agrado de Deus. Sabe esperar, sabe falar, chegar ao objetivo. Divina diplomacia do Verbo, que se fez carne para nos divinizar.



NOVA IORQUE, 28 DE MAIO DE 1997. DISCURSO NA ONU

Mas esta diplomacia tem um timbre essencial e característico, que a distingue daquela de o mundo fala e pelo qual dizer diplomático é sinónimo de enigmático ou até de falso.

A diplomacia divina tem isto de grande e de seu: move-se pelo bem do outro e é isenta, por isso, de qualquer sombra de egoísmo.

Esta regra de vida deveria informar todas as diplomacias, e, com Deus, podemos-lo fazer, porque Ele não só é o chefe dos indivíduos, mas é rei das nações e de todas as sociedades.

Se cada diplomático, nas suas funções, for impulsionado no seu agir pela caridade para com o outro Estado, como pela sua pátria, será de tal modo iluminado pela ajuda de Deus, que poderá contribuir para estabelecer relacionamentos entre os Estados, como devem ser os relacionamentos entre as pessoas. A caridade é uma luz e uma orientação, e quem for seu mensageiro tem todas as graças para ser um bom mensageiro.

Que Deus nos ajude. E nós temos que nos prestar para que, do Céu, o Senhor possa ver este espetáculo novo: o seu testamento actuado entre os povos.

Pode-nos parecer um sonho, mas para Deus é a norma, a única que garante a paz no mundo, a potencialização dos indivíduos, na unidade daquela humanidade que realmente conhece Jesus.

Chiara

De Chiara Lubich, Escritos espirituais/1, Cidade Nova Bs.

A oração, o momento mais bonito do dia

na espiritualidade de Chiara Lubich

«Se, nalguma rara ocasião, tenho a possibilidade de me recolher num lugar solitário e ali rezar, apercebo-me às vezes - num silêncio não interrompido por telefones, nem rádio, nem pelos carros, nem pelos ruídos da rua - quanto este silêncio fala. Isto é, apercebo-me que, onde está o barulho está o silêncio de Deus, e onde existe o silêncio, lá está a voz de Deus» E ainda «O melhor momento do dia é quando se reza, porque se fala com quem mais se ama»: são frases de Chiara Lubich, que exprimem bem a importância fundamental que a oração teve na sua vida. São, para ela, expressões da união com Deus e, ao mesmo tempo, um caminho para chegar a tal união. É um aspeto do caminho espiritual que está contido no carisma da unidade e nele encontra a sua expressão genuína e as suas características mais originais.

Baseando-se no tema feito pelo pe. Fabio Ciardi, durante o encontro dos focolarinos e das focolarinas da Itália (dezembro de 2014), o volume recolhe alguns escritos de Chiara sobre a oração, com o objectivo de se «ir ver como é que Chiara rezava» e conhecer melhor a sua interioridade profunda. Depois de uma introdução sobre o significado e a história da oração – quais e quantas formas de oração existem, como rezar? –, Ciardi oferece uma descrição sobre a oração na vida de Chiara, bem como uma entrevista feita à Eli. Segue-se uma escolha de pensamentos de Chiara sobre o tema e algumas orações suas..



Luce Ardente, em Itália

O que eu aprendi com Chiara

Tendo vindo da Tailândia para estar perto do seu amigo Francis Xavier Kriengsak Kovithavanij, arcebispo de Bangkok, por ocasião da sua nomeação a Cardeal, Phramaha Thongrattana Thavorn – Luce Ardente – esteve alguns dias em Itália, fazendo etapas em Roma, Lucca, Latina e Loppiano

Conseguir dizer aquilo que aconteceu, e o que está ainda a acontecer, com o Luce Ardente, é simples mas também é difícil: porque é intenso, imediato, com encontros importantes, significativos. Parece-me que Deus faz “realizar” a história, sem nos anunciar antes o que está a acontecer.

Como afirma Luce Ardente, a «presença» de Chiara é o que o move. Uma presença que é sinónimo de virtude, de amor, de luz, de Sabedoria, de diálogo com todos: «Ela está por trás de mim e protege-me: as suas virtudes fazem de mim um monje diferente dos outros». E não é algo do passado, mas do presente, do hoje que realiza, inspira, impulsiona para um amor universal que impressiona todos os que encontra. Luce Ardente passou o sábado 14 e domingo 15 de fevereiro no Vaticano, para estar perto do seu amigo, o novo cardeal de Bangkok, Francesco Xavier Kriengsak Kovithavanij: no final da celebração, saudou o maior número possível de Cardeais, Bispos, sacerdotes, religiosas, pessoas várias, desde tailandeses, chineses, de Tonga à Alemanha.

Não recusou nenhum contacto humano, incluindo senhoras e jovens, limitando-se a pedir que não lhe pusessem a mão no ombro, sendo ele um monje budista. Todas as ocasiões



eram boas para testemunhar vivamente o seu «fazer parte» do Movimento dos Focolares, do seu ser «filho de Chiara», muitas vezes deixando os seus interlocutores de boca aberta. Disse-me como é importante encontrar «corações abertos», que possam entender e seguir o Ideal da «mãe Chiara» e trabalhar connosco para levar a unidade a todos. Os embaixadores tailandeses na Santa

Sé e no estado Italiano estavam visivelmente contentes e impressionados.

O encontro com a Emmaus (Maria Voce), no dia 17 de fevereiro à tarde, foi vivido por Luce Ardente com uma grande intensidade: ia ter com ela para lhe contar a sua história e oferecer-lhe a sua ajuda para «levar o testemunho deste encontro com o novo Cardeal e com todos os budistas». Foi sem esperar nada, só para amar, e a alegria foi grande para os dois e para os que estavam presentes.



Na Praça de São Pedro

Seguidamente tinha em programa a visita a Latina, à escola que participa no projeto de apoio aos refugiados Karen e à escola «Gota após gota», em Mae Sot na Tailândia. As crianças puderam cumprimentá-lo, fazer-lhe perguntas, estar perto dele, dar-lhe comida, fazer fotos: Luce Ardente ficou muito tocado pela pureza de uma menina que, fugindo à sua professora, se agarrou à sua perna e não o queria deixar.

Na noite de 18 de fevereiro, com cerca de 200 membros do Movimento dos Focolares e não só, deu respostas profundas sobre o seu relacionamento com Chiara.

Foi ela que, como diz Luce Ardente, lhe ensinou o amor aberto sem confins. Foi Chiara que o fez «voltar» ao budismo para perceber os pontos essenciais dele.

Em Loppiano, aos sacerdotes da Vinea Mea, repetiu e ampliou o conceito: «Chiara, com as suas virtudes, é como as ondas do mar que rejeitam a sugidade, o lixo e o lançam para a praia: quem se aproxima dela, se não for puro e aberto, não consegue percebê-la e vai-se embora».

O diálogo com um grupo de muçulmanos do Irão, de visita à Cidadela, foi delicado, mas no fim, as explicações do seu vestuário, da côr do seu Jivorn (o manto), sobre o “bat” (a marmitta usada para receber a esmola quotidiana e... muitas fotos, derreteram os corações e abriram o sorriso, inicialmente hesitante.

Enquanto escrevo, o vento frio de Loppiano obriga-nos a ficar fechados na Escola Claritas, que Luce Ardente define «a minha casa». Passeia



O card. Francis Xavier Kriengsak Kovithavanij, arcebispo de Bangkok (Tailândia) é o coordenador dos Bispos amigos do Movimento dos Focolares. Durante o Concistório de 14 de fevereiro de 2015 foi designado cardeal pelo papa Francisco.

Esteve também presente na cerimónia, no Vaticano, o monge budista Phramaha Thongratana Thavorn-Luce Ardente, aqui com ele, na foto.

pelos quartos e vai à capelinha para estar com os religiosos, para viver, com todos os que encontra, o seu relacionamento com Chiara. Luce Ardente vê em todos nós o amor de Chiara e, através dele, apercebe-se do amor de Jesus na cruz, como ele gosta de dizer: «a dor tornou-se morte e a morte transformou-se em vida, porque Jesus realiza completamente o “Anata” e o “Sunyata”, ensinamentos do budismo. Jesus perdeu-se completamente, deu-se todo por amor, sem reservas (Anata) e Ele extinguiu o próprio eu, na cruz, perdeu completamente o próprio eu, sempre por amor».

Luigi Butori



Com a comunidade de Latina



Em Loppiano, com um grupo proveniente do Irão

Novidades no Centro

Diálogos - prioridade da Obra

Os encontros do Centro da Obra com os diversos Centros do Movimento, começaram em janeiro e continuarão até fins de abril. São momentos de comunhão entre balanços e perspectivas. Apresentamos alguns daqueles já realizados

Há uma casa comum para onde, desde o ano passado, foram transferidos os escritórios dos primeiros quatro diálogos realizados no âmbito do Movimento. É uma solução de habitacional que facilita os contactos, as trocas de impressões, porque a comunhão passa também pela quotidianidade e é uma boa oportunidade para trabalhar mais como corpo. Parte-se deste conceito no momento que se iniciam os encontros do Centro da Obra com os vários Centros. «Não se trata tanto de juntar-se, porque assim podemos fazer mais coisas – afirma a Emmaus – mas porque a raiz é a mesma, o chamamento ao “Que todos sejam um”. Mais tarde, para o sublinhar, diz: «Nós devemos apontar ao “Que todos se-

que deve animar tudo o que a própria Obra vive e faz. Foi o ponto de vista que também caracterizou os encontros sucessivos.

A troca de impressões entre as pessoas presentes abordou vários aspectos: desde a capacidade de ser os especialistas do diálogo, de modo a ser reconhecidos pelos outros, à necessidade de uma formação de todos os internos, e não só de alguns com estas funções, a ponto de se ter posto a hipótese de que os programas de formação, das várias ramificações e dos movimentos, sejam feitos partindo de uma ótica do diálogo. Recordou-se a importância de um empenho mais participado, vencendo os receios de se «ir para fora», neste campo. Não se ignora o desafio de conjugar a identidade católica em

relação às outras Igrejas e às diversas religiões, nem a dificuldade de falar de diálogo a quem vive situações de conflito, unicamente superáveis com uma experiência direta de acolhimento.

O tempo da maturidade eclesial

Cada diálogo tem a sua história e o seu percurso e é rico o

leque que aos poucos se vai abrindo. Margaret Karram e Marc St-Hilaire, responsáveis pelo diálogo na Igreja católica, mostram como, desde o terceiro convénio mundial dos Movimentos eclesiais e Novas comunidades - que decorreu no ano passado - se nota que, superada a fase do conhecimento, estima e amizade, enfrentamos o desafio «da maturidade eclesial para



No centro: Roberto Catalano, Christina Lee e Rita Moussallem, com a secretária do terceiro diálogo

jam um”, por isso ter sempre este olhar universal». Poderia parecer um acaso o facto de ter sido o primeiro dos 28 encontros que o Centro da Obra pôs no programa - de 21 de janeiro a 29 de abril – mas, como acontece com as “coisas” de Deus, notou um dos presentes, revelou-se um indicador de uma prioridade para a Obra, uma orientação de base, de modo transversal,



A Emmaus com Xenia Tovar (Mppu)

se incarnar decididamente no quotidiano, nas questões mais prementes e urgentes». Muitos do Movimento aceitaram este desafio e alistaram-se em vários organismos eclesiais, quer a nível local, quer a nível nacional, ou então puseram-se em contacto com algumas realidades carismáticas (que uma contagem parcial conta 500) e também com Movimentos de várias Igrejas cristãs, levados na iniciativa de «Juntos pela Europa».

Em perspetiva, a atenção para a formação e o envolvimento em alguns encontros de relevo: o Convénio eclesial nacional da Igreja italiana em Florença, em novembro deste ano; «Juntos pela Europa» em Munique e a Jornada mundial da juventude em Cracóvia, no ano de 2016.

Cristãos e testemunhos

A centralidade da Palavra como ponto de unidade foi posta em relevo por Maria Wienken e Diego Goller, agora encarregados centrais para o diálogo com as várias Igrejas e Comunidades eclesiais. Surgiram algumas questões que, na abordagem que os diversos grupos ecuménicos, que se reúnem à volta da

Palavra de vida, tiveram devido à sua forma nova, já sem o comentário de Chiara.

No que diz respeito à formação, Jesús Morán sublinha que é uma «tarefa para os próximos tempos, uma reflexão para fazermos juntamente com o aspeto do anil, porque todos os diálogos têm uma dimensão anil».

Desejamos que, com a nova configuração, a rede dos encarregados nos conselhos de Zona e de região possa continuar a desempenhar a sua função e olha-se para os programas futuros: uma semana ecuménica em 2017, por ocasião dos 500 anos da Reforma. Foi pensa-



Maria Wienken (segunda da direita) e Diego Goller, com a secretária do segundo diálogo

da inicialmente só para a Alemanha mas, por sugestão da Emmaus e Jesús, considerou-se oportuno realizar também em Castel Gandolfo, porque «é demasiado importante, não só para a Alemanha. Poderá ser um belo testemunho».

Gostaríamos de realizar uma ou mais escolas para a realidade dos Pentecostais da América Latina, dando continuidade assim ao primeiro frutuoso encontro, que decorreu em Castel Gandolfo, em 2014.

Co-protagonistas de diversas fés

«Nos últimos seis anos, para todos os nossos das diversas tradições religiosas, foi



Secretaria da Economia de Comunhão

importante perceber que a Obra continuou a desenvolver a herança de Chiara – regozijam-se os responsáveis do diálogo interreligioso, Roberto Catalano e Rita Moussalem -. Esta certeza contribuiu para prosseguir no caminho iniciado, não só como amigos, mas como co-protagonistas do diálogo». Entre os resultados deste processo, por exemplo, está o facto de



Margaret Karram e Marc St-Hillaire, do primeiro diálogo

alguns muçulmanos «colaboradores» se terem já reunido para iniciar uma redação dos temas da espiritualidade sob o ponto de vista muçulmano. Assim como algumas pessoas hebreias se sentirem inteiramente parte da Obra e muçulmanos, indus, budistas.

Um percurso diversificado segundo as religiões, mas também distinto. As formas de diálogo que se vão consolidando no tempo são várias: o diálogo da vida e atividades de vários tipos (projetos sociais, educativos e pela integração) e colaboração com organismos. Sem falar da troca de experiências religiosas e dos congressos académicos. Há também as colaborações no campo juvenil, garantia de uma perspetiva futura. A Igreja católica aprecia este estilo de diálogo, solicita a nossa presença em congressos e o nosso contributo a nível académico, também com artigos para revistas da especialidade.

Juntos pelos valores humanos

Passaram-se 20 anos desde o primeiro encontro de Chiara, em Loppiano em 1995, com um grupo de pessoas sem qualquer referência religiosa. Naquela altura, Chiara reconheceu

nestas pessoas, cheias de valores humanos, uma riqueza para o Movimento, porque sublinham a parte humana de Jesus. Vida Rus e Andrew Camilleri, responsáveis pelo quarto diálogo, falam do contributo dado à Obra pelos «amigos»: uma ocasião concreta para desenvolver uma linguagem inclusiva e compreensível por todos. É uma ajuda para se ter presente a importância da encarnação do Ideal da unidade, atentos a sermos cidadãos empenhados na sociedade, a não fecharmos os olhos diante das calamidades, das injustiças, dos dramas sociais. Nota-se a necessidade em retomar o entusiasmo também com a Humanidade Nova, os Jovens para um mundo unido e as Inundações. Valores humanos e questões existenciais poderiam ser temas de encontros no Centro, nas Zonas, nas comunidades locais, numa sociedade que já é multicultural, multireligiosa e secularizada. Está



Da esquerda: Andrew Camilleri e Vida Rus, com a Secretária do quarto diálogo

presente em todos a fecunda experiência da Assembleia geral, com a presença de pessoas de várias Igrejas, outras religiões, sem um credo religioso, assim como (mesmo se só durante uma tarde) dos amigos de outros Movimentos, católicos ou não, ligados ao «Juntos pela Europa». Um ícone da Obra hoje.

Política e participação

O encontro marcado para o próximo aniversário da partida de Chiara, centrado no tema da dimensão política do carisma da unidade é, para o movimento político para a unidade, uma etapa importante de grande trabalho que segue em três direções: aprofundar o pensamen-



Jesus Moràn com Alberto Ferruci (EdC)

to político que saiu do carisma de Chiara; reforçar a rede e a incidência do mppu; aumentar o contributo de toda a Obra para um trabalho integrado feito em sinergia. No programa está um sólido trabalho de estudo, de elaboração e de produção de pensamento político baseado no carisma, em colaboração com a Escola Abbà, o Instituto Universitário Sophia e servindo-se de Città Nuova e Nuova Umanità.

Continua o caminho de desenvolvimento do mppu que se constituiu em alguns Países (Argentina, Uruguai, Brasil, Espanha, Suíça, Alemanha, França, Itália, Hungria, Coreia); noutros está em fase de revisão (Paraguai, Portugal, República Checa, Eslováquia); noutros ainda, em fase de arranque (Inglaterra, Bélgica, Camarões, Filipinas).

Iniciou-se um trabalho em rede com outras realidades da Obra, desde Jovens para a unidade a Jovens para o mundo unido (basta pensar nas escolas de participação política que, em 10 anos, envolveram sete mil jovens, dos quais cerca de 80% não eram gen), Humanidade Nova, e «Juntos pela Europa».

Uma geração de empresários

24 anos, uma geração. A Economia de Comunhão, lançada por Chiara em 1991, já atingiu este patamar. É tempo de fazer um balanço de uma realidade que já atingiu, há algum tempo, a maioridade e se prepara para um novo ciclo do seu percurso. Fala-se de «passagem de testemunho para uma nova geração de empresários, trabalhadores, e estudiosos. É uma operação fundamental» para se ter um futuro. Uma passagem para a qual não se vai impreparados, Já há alguns anos que se tem dado atenção aos jovens, concretizando as *Summer school* internacionais (desde 2009 realizaram-se nove em Itália, na Argentina, no Quênia, em Portugal, em Espanha, no México, em França, na Ucrânia, na Croácia) e programando *workshop school* sobre temáticas específicas para jovens que têm vocação para o empreendedorismo ou que desejam formar-se para o trabalho, no espírito e na prática da EdC. Regista-se um novo protagonismo dos empresários, com o reforço das associações que já existem e o aparecimento de novas associações nacionais que, em sinergia com os Pólos e as comissões nas zonas, desenvolvem uma obra de apoio às empresas associadas e colaboram na difusão da cultura económica de comunhão. A Aipec, por exemplo, nasceu em Itália há três anos, já tem mais de 200 sócios e é um autêntico instrumento de difusão do projeto.

Cresce o impacto cultural na Igreja e na sociedade, no âmbito interreligioso e a nível académico, como presença nos media e nas redes



O Centro da Obra com a Secretária do Movimento político para a unidade

sociais. Crescem também os lucros: apesar da crise económica, este ano aumentaram 20%, ultrapassando um milhão de euros. Tudo positivo? Não faltam as críticas e os desafios. A vida dos Pólos existentes não é fácil: as empresas que deles fazem parte têm dificuldades financeiras e económicas e questionam-se sobre a sua função nas Cidades e na EdC nos Países de origem. Impõe-se uma redefinição da gestão, com a



Leo Andringa (EdC) e Juanita Majuri (GZ África)

necessidade de reforçar as comissões locais da EdC. Sente-se a necessidade de ultrapassar as ajudas «assistenciais» a pessoas com dificuldades, e criar projetos de desenvolvimento com a criação de postos de trabalho, operação difícil dado, a escassez de pessoas disponíveis, competentes. Por fim, também se tem em consideração que 80% dos lucros vem de cerca de 10% das empresas.

A EdC tem um plano de desenvolvimento já ativo, pelo menos em parte: abertura ao diálogo e à cooperação com outras entidades e pessoas fora das estruturas da Obra («o carisma da unidade “canta” quando trabalhamos com outros», afirmaram); rever a gestão da comissão internacional, com mais delegações quer territoriais, quer para projetos; apresentar a EdC com a visão alargada de Chiara, como um grande caminho para um mundo económico fraterno, não para recolher lucros para os projetos ligados ao Movimento; Ir para fora, mas bem ancorados às comunidades da Obra.

a redação

Instituto Universitário Sophia

Estão abertas as inscrições para o oitavo ano académico

Os itinerários disciplinares vão-se enriquecendo, e definem-se melhor as perspetivas internacionais. Um novo impulso, dado também pelas palavras do Papa Francisco por ocasião do 50º aniversário de Loppiano

«Se tivesse que contar a minha experiência na Universidade Sophia, falaria mesmo da possibilidade de dar uma maior coerência à minha vida quotidiana, com a descoberta de uma verdadeira ligação entre os estudos e a vida concreta, entre conhecimento e saber viver». É assim que Mathieu, da França, estudante do primeiro ano, resume o seu percurso de estudos na Sophia, em Cultura da Unidade. E quando não é possível inscrever-se nas Licenciaturas, muitos decidem participar nalguns cursos como estudantes convidados, ou nas iniciativas extra-académicas, e sentem-se profundamente enriquecidos. Como Chiara, doutorada em Direito constitucional em Milão,



que, em fevereiro, participou na primeira *Winter School* interdisciplinar, organizada em Trento, sobre o tema da inovação: «Enriqueceu-me muito o horizonte que a filosofia e a teologia me abriram, e gostaria de participar no programa de investigação, que está a iniciar na Sophia, sobre o tema dos conflitos e dos conflitos entre as religiões». Testemunhos que ilustram percursos diferentes.

Neste momento estão abertas as inscrições para o novo ano académico de 2015/2016, quando Sophia vai cortar a fita do seu oitavo ano de vida. Os inscritos nos vários itinerários académicos estão a crescer de modo gradual, mas constante. São 115 os que pediram para participar este ano, inscrevendo-se no Diploma anual, na Licenciatura bianual, ou no Doutoramento de investigação. Entretanto, multiplicam-se os acordos entre a Sophia e várias universidades no mundo, para reconhecimento dos títulos.

Pensando num futuro próximo, o presidente Piero Coda observou que «uma série de eventos faz-nos pensar num novo impulso de esperança. A começar pela mensagem do Papa Francisco, durante a LoppianoLab de 2014, na celebração do 50º aniversário da Cidadela: *“É preciso imaginar e experimentar uma nova cultura em todos os campos da vida social: desde a família à política e à economia: a cultura dos relacionamentos. [...] Não é por acaso que Loppiano já é a séde, há alguns anos, do Instituto Universitário Sophia, apoiado pela Santa*



Sé. Há uma necessidade urgente de jovens, de homens e mulheres que, além de estarem devidamente preparados nas várias disciplinas, estejam também impregnados de sabedoria que provém do amor de Deus”».

O Presidente sublinha que também nas orientações que saíram da Assembleia geral da Obra de Maria se fez uma referência a Sophia, com os votos de que, *«ao serviço da formação cultural e social, se dêem passos decisivos para uma maior interação entre as agências culturais e os meios de comunicação do Movimento, entre os quais, em particular, o Instituto Universitário Sophia».*

O que este documento deseja para o Instituto é uma maior internacionalidade e uma presença extra-europeia. E é nesta direção que caminham alguns projetos em curso: depois da experiência positiva na Mariápolis Lia, de O'Higgins, da terceira edição da *Escuela de Verano* para a América Latina de língua espanhola e o encontro na Mariápolis Ginetta para o Brasil, em unidade com o Centro da Obra e as zonas interessadas, está a decorrer uma reflexão conjunta sobre o futuro de Sophia em toda a América Latina.

De 19 a 25 de Julho de 2015 já está calendarizada a primeira *Summer School*, em Loppiano nas instalações do Instituto, em sinergia com os Centros gen2 mundiais: «Mapas de futuro. Quando, onde, como começa o amanhã», uma iniciativa que faz com que muitos outros jovens possam fazer a experiência de Sophia.

Para qualquer informação sobre o Instituto e as suas inscrições: www.iu-sophia.org.

Daniela Ropelato



Escola de Humanidade Nova

Working for fraternity

450 participantes de 31 países, com idades, culturas, profissões e vocações diferentes. Foi inovadora a metodologia de trabalho sobre três temáticas centrais: pobreza e justiça social, migrações e intercultural, conflitos e projetos de paz.

No grande ecrã por trás do palco, as páginas dos jornais passam velozmente. Alternam-se video-notícias, comentários, sínteses. As imagens mostram um panorama sobre a atualidade, relacionada com três temáticas diferentes, uma para cada dia: pobreza e justiça social, migrações e intercultural, conflitos e projetos de paz. Diante de uma conferência de imprensa internacional, alguns rostos, no início, estavam um pouco incrédulos, mas lentamente, entrando nos temas, a admiração deu lugar à participação, sobretudo graças às chaves de leitura que alguns especialistas e testemunhos puseram à disposição dos participantes, com



relatórios e experiências.

Foi um trabalho intenso e de equipa que se levou a cabo nos quatro dias de escola que o Movimento Humanidade Nova organizou, em Castel Gandolfo, de 12 a 15 de fevereiro. Aliás, o próprio título já mostrava claramente: «Working for fraternity», «Trabalhar para a fraternidade». E assim aconteceu. Mas vamos

começar, como de costume, com os números: 450 participantes de 31 países, de todas as vocações, de muitas profissões e ofícios, até estudantes, com uma participação de jovens mais numerosa que habitualmente. Traduziu-se simultaneamente em 10 línguas, para uma escola aberta não só a internos do Movimento, mas também a muitos que já trabalham no campo social e partilham os valores que Humanidade Nova promove no mundo inteiro. Uma plateia muito variada que demonstrou ser ativa e rica de iniciativas.

Depois dos números, seguem-se as fórmulas. Surgiu aqui um programa muito inovador, que se baseou nas orientações da Assembleia Geral de 2014. Se é necessário «sair», «juntos» e «devidamente preparados», como se situa um movimento de tanta amplitude como Humanidade Nova, que procura incarnar o Carisma precisamente na sociedade? A resposta, depois de localizar as feridas, é procurar compreender juntos onde é que é preciso intervir, onde é mais urgente, e agir segundo essas informações. Parte-se de «fora», para compreender como agir também «dentro».

Esta opção representou uma reviravolta na fórmula clássica de encontro, em que toda a secretaria central trabalhou durante todos estes meses, focando a atenção sobretudo numa



Fanny Bava Furnò e Domenico Mancinelli

Passagem de testemunho

No dia 11 de fevereiro, um dia antes do início da escola, as secretarias de Humanidade Nova das Zonas reuniram-se com a secretaria central para uma permuta de notícias e para confiar a cada um os participantes da escola. Foram momentos de encontro e confronto para se estar cada vez mais ao serviço da vida que se desenvolve nos territórios. Esse dia foi uma oportunidade para saudar e agradecer Annamaria Sanità, responsável central de Humanidade Nova de 2011 a 2014, e para dar as boas-vindas à nova responsável, Fanny Bava Furnò, que vai trabalhar em conjunto com Domenico Mancinelli, confirmado no seu cargo. Fanny, voluntária, casada, com duas filhas, vive e trabalha em Roma. Nos últimos três anos esteve no Centro das voluntárias em Grottaferrata. Foi muito preciosa para ela a experiência que fez como gen, na secretaria internacional dos Jovens para o mundo unido.

linguagem inclusiva, concentrando o *focus* em temáticas atuais e globais, aprofundadas com especialistas e iluminadas pelos Diálogos que a Obra já desenvolve há muito tempo. Aceitando uma boa dose de riscos, trabalhou-se para uma inovação no uso dos espaços do Centro Mariápolis, na gestão dos tempos, no suporte tecnológico com vídeos, ligações *skype*, entrevistas diretas a protagonistas em vários continentes, material multimédia de apoio a todas as sessões de trabalho.

O programa resultou muito adequado às necessidades dos participantes: «Esta dinâ-

mica torna possível convidar pessoas que até agora não podíamos fazer: colegas, amigos, parentes...», foi a impressão de uma participante da Alemanha. Uma gen: «Vi uma forma de apresentar o Ideal ao mundo». «Um modo para se replicar na Zona», disseram alguns responsáveis. Alguns Jovens para o mundo unido sublinharam a importância do conhecimento da vida de Humanidade Nova, acrescentando: «Um Congresso super, para poder "estar no ponto"!».

Não faltaram momentos de comunhão, de trabalho em *workshop* e em grupos abertos de partilha e propostas que adotaram a metodologia do *world café*: 21 grupos internacionais e três níveis diferentes de contributos recebidos.

A comunhão tornou-se, deste modo, uma metodologia de trabalho, válida para identificar as necessidades e os recursos no território, para lhes dar resposta. «Tiramos Jesus-homem da cruz e levamo-lo de volta à cidade», disse, nas impressões finais, um participante: o trabalho que agora nos espera nos nossos bairros, nas nossas fábricas, nas nossas escolas, nas nossas casas, vai ser um meio de realizar este objetivo.

Paolo Balduzzi, secretaria da Humanidade Nova



Sacerdotes voluntários

Sair com a Igreja

O retiro realizado em Castel Gandolfo de 3 a 7 de fevereiro, dos sacerdotes voluntários, reuniu mais de 300 participantes, da Europa e de continentes extraeuropeus, sobretudo da Coreia e da África

O tema de fundo, a Eucaristia mistério de comunhão, aprofundou e iluminou esta vocação na encarnação do ideal do carisma da unidade, na sua específica dimensão de impregnar todas as estruturas e a atividade eclesial. O primeiro dia foi vivido como um «retiro» espiritual, num «tu a tu» com Jesus Eucaristia, que culminou na adoração eucarística comunitária, à noite. Nos dias



seguintes, abordaram-se temas comuns a toda a Obra, expressos nas palavras: «juntos» – «sair» – «devidamente preparados». A visita da Emmaus e do Centro da Obra fez «contemplar», de modo especial e num clima de família, a beleza da unidade na universalidade do carisma, abrangendo todas as áreas geográficas do mundo. A nova configuração da Obra ajudou todos a compreender as novas situações que, se para alguns não são isentas de interrogações e dificuldades, sobretudo pelas distâncias e pela idade, nos levam a perceber uma viragem, que faz crescer a responsabilidade da própria vocação. A intervenção de Jesús Morán dilatou o nosso coração para uma «paixão» renovada pela Igreja, em plena sintonia com o coração do Papa Francisco. Jesús deteve-se a explicar o que significa «sair com a Igreja», neste «hoje» em que o Espírito Santo a impele a uma reforma evangélica. Por isso, para estar devi-

damente preparados - explicou o copresidente - temos necessidade de uma «nova inteligência» do carisma, de uma compreensão mais profunda da nossa missão de encarnação da unidade. Há a exigência de «veicular» o carisma com novas linguagens para fazer com que seja compreendido e aceite. O âmbito específico é a Igreja e, tornar-se «hoje» promotores desta reforma, é a vocação mais atual que existe, para o sacerdote voluntário.

Foi também especial a tarde dos *forum*, conduzidos livremente pelos participantes: um tipo de participação que favoreceu um conhecimento recíproca das novas Zonas, aprofundando as «indicações» para este novo caminho: a vocação, que tem a sua fonte no carisma; o nosso lugar na Obra, de modo particular nas Comunidades locais; a criatividade encorajada pelo Papa, para abrir experiências novas no «sair juntos e preparados», nas realidades locais - quer eclesiais, quer civis - e a acender o Ideal em todas as dimensões culturais, teológicas, educativas.

Muitos, no final, disseram que, nestes dias, tinham recebido muitas prendas, sobretudo por terem vivido juntos aquela atmosfera divina que o Espírito Santo traz sempre, entre nós, e que, antes de mais, nos faz sentir «família», para manter acesa a herança que Chiara nos deixou.

Pe. Istvan Kopasz



Pe. Istvan, terceiro da direita, com o Centro dos sacerdotes voluntários

Homens e mulheres de comunhão



26 de abril de 2014. Jovens religiosos em Loppiano

«Comprendemos o nosso lugar de religiosos na atualidade da Obra, verificando o seu contributo específico: fornecer, através da variedade dos carismas clarificados, um "algo mais" de eclesialidade, da Obra». «Chiara ensina-nos que o mundo de hoje requer normas e projectos adequados aos nossos tempos, que há uma coincidência extraordinária entre o que a Igreja e o mundo pedem à vida consagrada». São alguns comentários feitos depois dos encontros das e dos religiosos, focalizados, como os outros, no tema da Eucaristia e com momentos dedicados às novas gerações e à vida das comunidades locais.

A presença do card. João Braz de Aviz, prefeito da Congregação para os Institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica, foi especial «*Crescer dentro da espiritualidade da unidade e vivê-la – sugere – porque, quando os carismas se encontram, ganham vida. A Obra de Maria faz brilhar os carismas, ilumina-os. Não são necessárias as palavras – continua – basta ser testemunhos do Evangelho vivido. É este o caminho da mudança*».

Dirigimos algumas perguntas aos novos responsáveis das e dos religiosos, Ir. Antónia

Nos encontros em Castel Gandolfo evidencia-se a riqueza dos carismas, que se encontram à luz da unidade. Entrevista à Ir. Antónia Moiola sbg e ao pe. Salvo D’Orto omi, os novos responsáveis das e dos religiosos

Moiola e pe. Salvo D’Orto.

Iniciar como responsáveis no Ano da vida consagrada. Uma «coincidência» feliz?

Pe. Salvo: «Sem dúvida, olhando para o nosso caminho, guiado pela mão de Deus, parece-nos uma grande fonte de graças. Pensemos em todas as intervenções do Papa Francisco sobre a vida consagrada, entre as quais a sua Carta Apostólica de novembro 2014, como abertura do Ano: um autêntico programa para nós. O nosso encontro recente, em Castel Gandolfo, para religiosos, desenrolou-se a partir das três indicações do Papa Francisco: *“olhar para o passado com gratidão, viver o presente com paixão e abraçar*

o futuro com esperança”».

Ir Antônia: «Sem dúvida que é uma coincidência favorável, nascida do coração do Papa Francisco, para todos os e as consagradas. A Carta Apostólica escrita pelo Papa, foi uma alegria imensa. Lendo-a, senti dentro de mim uma forte sintonia com tudo o que Chiara, desde o princípio, nos ofereceu, a nós de vida consagrada. Estou convencida que este ano será portador de graças e tenho a certeza que todos, pessoalmente e como Institutos, seremos mais capazes de viver a radicalidade evangélica e de profecia, saindo, com criatividade, para as periferias existenciais».

A presença dos religiosos, na Obra tem uma longa história. Há algum elemento que, na vossa opinião, se perdeu, de certo modo, de vista ao longo do tempo e que poderia ser recuperado?

Ir. Antônia: «A presença dos religiosos e das religiosas, tem realmente uma longa história. Eles estiveram presentes desde o início do Movimento, nas primeiras Mariápolis, vindos da Itália e de outros Países. Eram atraídos pelo clima de família e de sobrenatural que brotava do amor recíproco vivido, que trazia a presença de Jesus no meio dos seus. É uma experiência vivida por muitos, também por mim mesma. As religiosas, se têm o chamamento à unidade, têm bem presente as colunas da espiritualidade e a vida da Obra e procuram ser fieis a isso. Talvez seja necessário voltar aos relacionamentos pessoais com as pessoas com que já se contactou e lembrar o que Chiara nos deu: amar a família religiosa do outro como a própria, e também revigorar a comunhão dos bens materiais e espirituais».

Pe. Salvo: «No início, os religiosos tinham um relacionamento direto com os membros do Movimento, depois, o nosso ramo fechou-se um pouco sobre si mesmo. O que a Obra está a viver hoje, sublinhando a importância das comunidades locais, ajudará sem dúvida os religiosos a recuperar a vida dos inícios, como “corpo”. Agora, para nós, a palavra “juntos”, que nos foi entregue pela Assembleia Geral, significa recuperar a nossa comunhão plena, com todo o povo de Chiara».

O vossos Centros foram quase completamente renovados. Em que sentido têm sido dados os primeiros passos?

Pe. Salvo: «O novo Centro, representa conjuntamente o Conselho do ramo e a Secretaria do movimento dos religiosos. Não se trata do desaparecimento de uma das duas realidades, mas de tomar maior consciência de que todos somos chamados a viver a unidade. Quem pertence ao ramo dos religiosos é convidado por Deus a ser, de modo ainda mais forte, o coração e os braços do movimento dos religiosos. Quer eu, quer os outros quatro do Centro, não deixaremos a nossa função dentro dos nossos Institutos. A Emmaus relacionou isto com o “sair” do hoje da Obra.

Lembro-me de uma frase que Chiara nos disse (aos Gen re de 1987): “Nós não damos o Ideal para que os religiosos sejam da Obra, mas



Chiara, em 1956, foi à Terra Santa para se encontrar com o pe. Novo (terceiro da esquerda)



Chalé Paraíso, agosto de 2000. Da direita: Vale Ronchetti, Ir. Antonia Muioli, Ir. Erminia Gandolfi, Ir. Anne Margaret Dalton, Ir. Loreto Maes, Ir. Giusi Buffa

para que a Igreja se transforme”.

Os novos membros do Centro, que tiveram o consentimento dos próprios superiores, são: o pe. Fabrizio Tosolini, saveriano em Parma, o pe. Egidio Canil ofm, conventual em Assis, pe. Theo Jansen ofmcap em Loppiano, o pe.. Donato Cauzzo, camiliano, e Jos Van Boxel, dos Padres Brancos, em Roma, o p. Mariano Steffan ofmcap e eu, nos Castelos. Vemo-nos todas as semanas, em video-conferência, e comunicamo-nos muitas vezes por telefone. Programamos um encontro de dois dias, cada mês e meio. O nosso primeiro compromisso é ter sempre Jesus entre nós».

Ir. Antônia: «Sim, é verdade, há mudanças de pessoas. A experiência vivida diz-me que o Espírito Santo oferece a vocação à unidade, e quem estiver aberto sente-a e vive-a com zelo e corresponsabilidade. Assim, com a aceitação dos Superiores, pode-se dar tempo à Obra para manter viva a chama da unidade e, juntamente com outros consagrados e consagradas, formar consagrados que vivam a comunhão em qualquer ambiente, na paróquia, nas comunidades, nos escritórios, onde quer que seja. Queria ainda sublinhar que o Instituto ou a família religiosa, se tiver membros com esta vocação à unidade, terá sem dúvida um "boommerang" de graças para a vida do Instituto e para o desenvolvimento do carisma dado à fundadora ou ao fundador, que se enriquecerá pelo carisma da unidade, brilhando com uma nova luz, aberta a

novos horizontes e desafios partilhados. É uma experiência de reciprocidade! Para nos mantermos actualizadas e em comunhão, usamos os meios de comunicação e, periodicamente encontramos-nos durante um ou mais dias».

O que mais têm como projeto, para os ramos e movimentos das e dos religiosos?

Ir. Antônia: «Que todos tenham a possibilidade de conhecer e de viver a espiritualidade da unidade ou de comunhão com os seus instrumentos, de tal modo que a Igreja se torne cada vez mais casa e Igreja de comunhão. E, também com o nosso contributo, se desenvolva a eclesiologia de comunhão, expressa nos documentos do Concílio Vaticano II. Com estas sinergias, os nossos carismas tornar-se-ão mais vivos, mais de acordo com a atualidade e capazes de viver a fraternidade, como os nossos fun-



Fevereiro de 2015. Da esq.: pe. Mariano Steffan, pe. Donato Cauzzo, pe. Egidio Canil, pe. Salvo D'Orto, pe. Fabrizio Tosolini, pe. Theo Jansen

dadores e as nossas fundadoras viram no céu e viveram na Terra».

Pe. Salvo: «Que vivamos para o "Ut Omnes", segundo aquilo que Chiara nos pôs no coração e, para isto, contribuir para realizar as palavras do Papa Francisco: "Espero que a comunhão entre os membros dos diferentes Institutos, cresça. "Não poderia ser, este ano, a ocasião para, com maior coragem, sair dos limites do próprio Instituto para elaborar juntos, a nível local e global, projetos comuns de formação, de evangelização, de acções sociais? Deste modo, poderemos oferecer, com eficiência, um testemunho profético real. A comunhão e o encontro entre diferentes carismas e vocações é um caminho de esperança"».

Com empenho e entusiasmo

«Estou feliz por oferecer a cada um de vocês, que vieram a este Congresso, a minha mais calorosa saudação». Foram estas as primeiras palavras da mensagem com que a Emmaus recebeu os cerca de 1800 participantes, nos dois congressos dos aderentes que se realizaram em novembro de 2014 e em janeiro da 2015, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo. «A tua carta com as notícias sobre a Assembleia - responderam eles imediatamente - fez-nos sentir logo como parte integrante e viva da família de Chiara. E que dizer do tema maravilhoso sobre a Eucaristia! A abordagem prática, e ao mesmo tempo profunda, é feita mesmo para nós e estimula-nos a aproximarmo-nos mais frequentemente de Jesus Eucaristia, a "desfrutá-la" como vínculo de unidade e garantia de vida eterna!».

No programa havia muitas experiências de vida. Muitos identificaram-se com as experiências das famílias ou naquelas de Humanidade Nova, especialmente no mundo do trabalho. Um dos apresentadores convidou presidente da Câmara de Castel Gandolfo, Milvia Monachesi, que quis estar presente na sala para o tema sobre a Economia de Comunhão. Foi muito apreciado o facto de se iniciar o dia com uma oração, tirada da liturgia da Semana de oração pela unidade dos critãos, recitada por pessoas de diversas Igrejas. Muitos dos presentes que tinham feito a experiência gen com o Peppuccio Zanghi, que foi para o Paraíso durante o segundo congresso, ficaram contentes pela possibilidade de o visitar em câmara ardente, durante a visita ao Centro da Obra e de participarem no seu funeral via *streaming*.



Ser família

Uma comunidade viva, aquela de Latina, no centro de Itália, com cerca de trezentas pessoas entre membros e aderentes do Movimento dos Focolares.

Estão presentes todas as vocações e faixas etárias. Eis em síntese algumas experiências que contaram durante o congresso dos aderentes em Castel Gandolfo

«Nasceu uma relação profunda na nossa comunidade, que foi consolidada por várias experiências. Em julho passado, muitos adultos colocaram-se à disposição dos Jovens para a Unidade e dos seus amigos fazendo de animadores, acompanhantes e cozinheiros no estaleiro "Stop & Go". Pouco tempo depois, alguns membros da comunidade fizeram a proposta de viver juntos uma Mariápolis. Assim, em agosto, um grupo de cem de nós encontrou-se em Val di Luce, no Appenino tosca-emiliano. Estavam famílias, crianças, jovens, avós. Havia também sacerdotes, que generosamente se puseram à disposição para a Mariápolis e para as confissões.



Os jovens que tinham participado no estaleiro vieram com amigos e pais e, na Mariápolis, propuseram a todos viver "a regra de ouro". Todos os dias nos encontrávamos para a Missa, lendo o passapalavra e uma breve meditação. Cada um colocou à disposição os próprios talentos: uns organizaram uma padaria; outros

traçaram os itinerários para os passeios; houve quem preparou as refeições; outros fizeram de guia para as crianças, num passeio botânico ou contaram as constelações numa fria noite de luar. Um de nós leu alguns extratos do seu livro, escrito para a sua esposa após a sua partida para o Céu, festejando as suas bodas de ouro entre o Céu e Terra. E houve quem nos fez cantar a plenos pulmões, compondo também uma canção síntese da Mariápolis: *Natal em Ferragosto*, com duplo significado, metereológico e... de alma! Voltando a casa, já se sentiam saudades. Atarefada com uma montanha de roupa para lavar, uma de nós viu-se a levar também a roupa de uma gen2, que tinha estado na Mariápolis com a mãe: "porque - disse-lhe - a Mariápolis continua!"

Recentemente, alguns da nossa comunidade comunicaram-nos que uma família de amigos muçulmanos, de origem tunisina, por problemas económicos não conseguia adquirir os livros de texto para os filhos. Veio-nos então a ideia de

fazer um jantar tunizino, preparado pela mãe desta família, para o qual se convidaram várias pessoas, pedindo-lhes um contributo. O jantar realizou-se num grande terraço, colocado à disposição por uma das nossas famílias. Para a ambientação árabe contribuimos todos, levando toalhas, cortinas, tapetes, almofadas, candeeiros. Juntos pensámos no menu e nas compras. Durante a preparação faltou, a luz elétrica. Dissemos uns aos outros que confiávamos em Deus. Enquanto, à luz das velas, se continuava a cozinhar e chegavam os primeiros convidados, a luz voltou. Vieram quinze famílias. O menu para as crianças foi feito com o contributo de muitos.



Pessoas da comunidade de Latina, no Congresso

Um grupo de gen3 ofereceu-se para fazer de *babysitter*. Foi um serão feito de atenção aos outros, de diálogo, de gargalhadas. A mãe disse-nos que lhe parecia ter voltado à Tunísia, à sua grande família. No fim entregámos-lhe um envelope com o dinheiro e a mensagem escrita: "Obrigada por esta viagem à Tunísia, que nos fizeste fazer contigo". Assinado: "A tua família Latina". Desatou num pranto de alegria. Confiou-nos ter experimentado que bons cristãos e bons muçulmanos podem trabalhar juntos. Com a quantia recebida conseguiu adquirir os livros. Recentemente soubemos que, numa outra comunidade da zona, há uma família paquistanesa com graves dificuldades. Imediatamente dissemos: "Agora fazemos um jantar paquistanês!".

Gloria Duarte, Tim King



Em Val di Luce, durante a Mariápolis

Voluntárias em Congresso

Ser a alma das nossas cidades



De 29 de janeiro a 1 de fevereiro de 2015, o Centro Mariápolis de Castel Gandolfo recebeu 1060 voluntárias, que vieram para o seu encontro, provenientes da Itália, da Europa Ocidental, do Líbano, do Brasil e dos Camarões. Cada manhã o programa iniciava com uma meditação de Chiara e com o tema sobre a Eucaristia, coração do dia. Houve vários e profundos momentos de aprofundamento: da Vera Araujo que, com sabedoria e humor, fez uma análise sobre o hoje cultural; da Rita Moussalem e Roberto Catalano, do Centro para o diálogo interreligioso que, com competência e concretização, ajudaram na compreensão da relação entre o Islão e o mundo ocidental. Graças a Friederike Koller e Angel Bartol, veio em relevo a importância do documento final da Assembleia Geral, à luz do qual se desenvolveram os trabalhos de grupo. Com os momentos de diálogo com Patience Mollè Lobè e com alguns membros da secretaria de Humanidade Nova, veio também em relevo a vocação dos voluntários e das voluntárias na sua integridade. Profundos também os momentos de

troca de experiências. Entre os testemunhos, houve o de Claire Ribet, voluntária de Cannes (França), que contou uma rica e profunda experiência de diálogo. Apresentamo-la a seguir.

Em Canes, um prémio de fraternidade

«Porque não organizar em Canes um encontro interreligioso para recordar o 25º aniversário do histórico encontro de Assis?» foi esta proposta que deu início a uma aventura que, da minha cidade, Canes, me trouxe até Roma.

Em 2011 encontrava-me junto ao grupo local dos «Juntos pela Europa», onde Movimentos e comunidades, pertencentes a várias Igrejas cristãs, dividiram o seu carisma sobre os encontros iniciados por São João Paulo II no Pentecostes de 1998. A ideia de um encontro interreligioso em Canes, pelo 25º aniversário de Assis, desta vez, entusiasmou-nos. Nasceu o projeto de um Festival interreligioso, com uma marcha pela Paz. Imediatamente decidimos envolver os vários responsáveis religiosos: desde o pastor protestante ao reitor da mesquita de Canes, Mustapha Dali, o rabi David Moyal e o lama budista Sempa. Para nossa grande surpresa, todos nos receberam de braços abertos, como se estivessem à nossa espera. Pouco depois começámos a ter encontros regulares com representantes das comunidades hebraicas, cristãs, muçulmanas e budistas e demos vida à Associação "Viver juntos em Canes" (VEAC – Vivre Ensemble A Canes). Mesmo se, no início, eu era a única mulher, senti-me imediatamente à vontade:



de facto tinha-se estabelecido logo, entre todos, um relacionamento verdadeiro, simples, sincero. Em três meses organizámos o Festival: na marcha pela paz na Croisette estavam mais de mil pessoas. Desde então fizeram-se quatro Festivais, que foram ocasiões para dizer juntos, sendo pessoas de diferentes religiões, crenças e não crenças, que a fraternidade é possível.

Juntos também organizámos eventos e conferências-debates sobre o diálogo. Nasceram os grupos «mosaico», nos quais pessoas de diferentes religiões refletem juntos sobre um tema. Com alguns jovens, demos vida a um atelier de cozinha, para entrar mais, também através dos costumes alimentares, na religião e na cultura do outro. Uma vez por semana fazemos uma transmissão via rádio, de um quarto de hora, sobre viver juntos, em Canes, para difundir uma cultura da Paz. Entre nós, do grupo promotor, a relação de amizade é muito profunda: não nos vemos só para organizar eventos, mas encontramos-nos regularmente, ora na casa de uns ou de outros. Vimo-nos por ocasião do fim do Ramadão e pelo *barmitsva* do filho do rabi, o momento em que uma criança hebreia atinge a idade da maturidade. Passámos um dia inteiro num templo budista e outro na ilha de Lerins, com os monges cirtercenses. O conhecimento recíproco faz-nos partilhar também a vida quotidiana, levando juntos alegrias e dores.

A 17 de janeiro, uma surpresa. Na prestigiosa Sala da Protomoteca do Campidoglio, em Roma (Itália) recebemos um importante reconhecimento: o presidente da Câmara de Canes

venceu a sexta edição do Prémio Chiara Lubich para a fraternidade. A nossa delegação, formada por quinze pessoas não passou despercebida: a vivacidade e diversidade dos nossos vestuários mostrava a variedade das nossas culturas. Presentes, entre outros, o lama tibetano do centro de meditações budista, o reitor da mesquita, o abade cirtercense e um Assessor, em representação do Presidente da Câmara. «À Cidade de Canes - lia-se na motivação - *por ter aceite e apoiado o projeto -Viver juntos em Canes - onde se aprende a conhecer-se, a apreciar-se, a enriquecer-se reciprocamente, criando fortes ligações de fraternidade. [...] tudo isto assume um outro significado depois dos recentes eventos que atingiram a França e em que se falou de tudo excepto de Paz e Fraternidade. Aquela Fraternidade que nos inícios da Modernidade, tem tido a sua ênfase nos princípios de Liberdade e Igualdade, exatamente em terra francesa, com o desejo e o convite a fazer com que não seja um princípio esquecido, mas vivido e encarnado, como quer propôr Cannes com o VEAC.*

ao cuidado de Anna Lisa Innocenti



A delegação de Canes no Campidoglio

revista de pensamento

Nuova Umanità muda!



Notícia: *Nuova Umanità* (Nova Humanidade) passa de bimestral a trimestral. Por que motivo? Simples: a crise de que se fala, e que muito faz sofrer, é, antes de mais, uma crise de pensamento. Tendo em conta que *Nuova Umanità* é uma revista de pensamento, sentiu-se a necessidade de a reorganizar para responder melhor às dificuldades da atualidade. Torna-se, portanto, trimestral porque é preciso mais tempo para se poder perceber para onde está a caminhar a nossa civilização, mais tempo para se poder dialogar com todos os que podem ajudar, mais tempo para oferecer a cultura que nasceu no carisma dos focolares. Mudaram também a redação e o diretor. A primeira é composta por todos os novos membros da Escola Abbà, o diretor é o signatário. A função de todos não é fácil, mas tem duas grandes coisas a seu favor: trabalhar, confiando que deve ser unicamente a unidade a conduzir tudo - como Chiara recomendou quando fundou a revista, em 1978, - e prosseguir o caminho traçado pelos seus antecessores, a quem dirigimos os mais sinceros agradecimentos. Fizeram de *Nuova Umanità* uma revista excelente, saudável, um ponto de referência não só para os membros do Movimento dos Focolares, mas também para toda a Igreja e a cultura em geral.

Prevê-se que o próximo número saia no fim de março de 2015. Incluirá algumas coisas preciosas. A primeira é o discurso que Chiara fez em Rimini, em 2002, com o título «Fraternidade e paz, para a unidade dos povos». Na altura, o mundo estava agitado pelo

terrorismo internacional e pelos atentados às Torres Gémeas, e a mensagem de Chiara foi o anúncio da unidade entre os povos e os cidadãos de todo o planeta. Se pensarmos no recente atentado terrorista de Paris, vemos que as palavras de Chiara mostram também a solução para as feridas das nossas sociedades. Um outro tesouro que o próximo número vai publicar é o primeiro episódio de *Storia di Light*, isto é a história de Chiara Lubich escrita por Iginio Giordani. Quando Giordani entregou à Giulia (Eli) Folonari o pacote de papéis, deu-lhe a seguinte ordem: «esta é a minha obra-prima, publiquem-na só depois da minha morte». É, na verdade, uma obra-prima, escrita de um modo refinado pelo amor, e com a sabedoria de um agiógrafo. Esta edição está também enriquecida por um discurso que o Patriarca de Constantinópoli, Bartolomeo I, fez no dia da canonização de João XXIII, acerca dos relacionamentos ecumênicos de Angelo Roncalli, no período em que esteve em Istambul, e com a tradução de alguns excertos de um texto de Mozi, um antigo sábio chinês, feita por Philippe Hu, sobre a vontade do Céu. A tornar ainda mais rica a revista, temos um artigo de Mons. Delgado Galindo, subsecretário do Conselho Pontifício dos Leigos, outro de Marta Michelacci, artista e historiadora de arte, e a entrevista que Roberto Catalano fez a Marc Guedj, rabi e grande especialista no diálogo interreligioso. Até breve, nas páginas da nova *Nuova Umanità*.

Alberto Lo Presti



Inundações

Desporto e fraternidade é uma relação possível?

7º Congresso internacional de Sportmeet, o primeiro no Brasil

O 7º Congresso internacional de Sportmeet, que se realizou pela primeira vez no Brasil, de 23 a 25 de janeiro, nos arredores de S. Paulo, revelou-se de grande atualidade e abriu perspectivas surpreendentes. Os parti-

de *uma ligação webex a partir de Itália e o relatório principal* de Paolo Crepaz, juntamente com muitas experiências e trabalhos práticos. Aqui no Brasil, onde não se pode deixar de comparar as grandes desigualdades sociais e a inquietante escalada de violência, esta «ligação» dá vida a expressões criativas, capazes de promover o crescimento e o desenvolvimento social. Um exemplo apenas: no Centro social Jardim Margarida, situado nas proximidades da Mariápolis Ginetta, que acolhe crianças e adolescentes de risco, o dado de Sport4peace é lançado em todos os jogos de futebol. Traduz-se em pedir desculpa, dar a mão ao adversário, ajudá-lo a levantar-se, "torcer" não só pela própria equipa. A vitória não tem nenhuma importância, é mais importante participar do que vencer. «Estes torneios - dizia Lucila, coordenadora do projeto - ganham credibilidade, também nas cidades vizinhas». Entre as novas perspectivas de diálogo e colaboração,



cipantes, na sua maioria jovens, eram provenientes de vários Estados do Brasil; estiveram também presentes representantes da Áustria, Argentina e Itália, assim como o Paolo Cipolli, presidente internacional de Sportmeet. O título colocava uma interrogação: «Desporto e fraternidade: é uma relação possível?» Uma interrogação colocada por muita gente nas vésperas das Olimpíadas de 2016, que terão de novo o Brasil no centro das atenções mundiais.

Saiu do congresso a seguinte resposta: entre o desporto e a fraternidade não só é possível uma relação, mas ela é indispensável. Afirmaram-no vários especialistas, tais como Vera Araújo, através

de uma ligação webex a partir de Itália e o relatório principal de Paolo Crepaz, juntamente com muitas experiências e trabalhos práticos. Aqui no Brasil, onde não se pode deixar de comparar as grandes desigualdades sociais e a inquietante escalada de violência, esta «ligação» dá vida a expressões criativas, capazes de promover o crescimento e o desenvolvimento social. Um exemplo apenas: no Centro social Jardim Margarida, situado nas proximidades da Mariápolis Ginetta, que acolhe crianças e adolescentes de risco, o dado de Sport4peace é lançado em todos os jogos de futebol. Traduz-se em pedir desculpa, dar a mão ao adversário, ajudá-lo a levantar-se, "torcer" não só pela própria equipa. A vitória não tem nenhuma importância, é mais importante participar do que vencer. «Estes torneios - dizia Lucila, coordenadora do projeto - ganham credibilidade, também nas cidades vizinhas». Entre as novas perspectivas de diálogo e colaboração,



Projeto Itália

Capazes de produzir efeitos

Realizou-se em Roma o 2º Laboratório Parlamentar do Mundo da Educação, com a colaboração do Movimento político para a unidade, italiano

Quarta-feira, dia 11 de fevereiro, realizou-se em Roma o segundo Laboratório Parlamentar, solicitado por alguns deputados do Movimento Político para a Unidade, e preparado em conjunto com algumas pessoas do Movimento do Mundo da Educação - Projeto Itália.

Desta vez éramos um grupo pequeno de especialistas e «trabalhadores nesse campo», chamados a aprofundar o tema do «lus Soli temperato», isto é, o direito de cidadania italiana a ser concedida aos jovens não italianos que completem, pelo menos, um ciclo de estudos na Itália.

Na noite do nosso encontro, realizou-se uma votação no salão nobre, em Montecitório até às 23 horas, tendo em vista a reforma do Senado e, precisamente por causa deste compromisso institucional, vários convidados de honra, que tinham confirmado a sua presença,

Arriscámos muito na preparação deste congresso – disse Kiko – não sabendo quantas pessoas iriam participar, nem como nos iria correr o aspeto económico. No final houve um saldo positivo, que permitiu ajudar as olimpíadas dos gen3, que se realizaram nos dias seguintes. Éramos um pequeno grupo, 50 pessoas, mas a presença de Jesus no meio de nós era grande. Só Ele pode explicar os frutos e as perspetivas que se criaram!»:

Carla Cotignoli

destaca-se a que se abre com a «Comissão Pierre Coubertin», dedicada ao desenvolvimento dos valores desportivos, promovido pelo pedagogo francês, que deu o nome a esta instituição. Deve-se a Coubertin o regresso das Olimpíadas depois de 15 séculos de suspensão. O presidente da Comissão Brasileira, o Prof. Nelson Todt, docente na Universidade



© Foto Felici

Carina Rossa, Kiko Sebok e Cristiano Bordoni Silva com o Papa Francisco no Encontro "Scolas Ocurrentes"

Pontifícia Católica de Porto Alegre, salientou a profunda sintonia de Sportmeet com os princípios dos jogos olímpicos: liberdade, união dos povos, *fair play* e fraternidade, que esta instituição promove.

Com a visita à *Fazenda da Esperança* de Guaratinguetá (SP) e à *Casa do Menor*, no Rio de Janeiro, abriram-se novos caminhos. A ainda: no Congresso promovido pelas redes das instituições de educação «Scholas Ocurrentes», que se realizou recentemente no Vaticano, participaram, como o resultado da colaboração entre as duas inundações, Carina Rossa de EdU, e os brasileiros Kiko Sebok e Cristiano Bordoni Silva, de Sportmeet.

A conclusão do encontro contou também com a intervenção do Papa Francisco. Tiveram a oportunidade de o saudar e de lhe assegurar que pode contar «conosco, os empenhados no desporto e na educação do Movimento dos Focolares». Surpreendido, respondeu: «... no desporto? Muito bem!».



não puderam intervir. Estiveram presentes dois deputados, Vannalori (PD) e Milena Santerini (Por Itália), que estão entre os autores dos projetos de lei sobre o assunto.

Além destes, uma dezena de pessoas do mundo da Educação e algumas do mppu, entrevistaram dois professores universitários convidados pelos deputados, um da Lumsa (Libera Università Maria Santissima Assunta), de Roma, e um da Universidade de Salento.

Daqui resultou um Seminário interessante, pelos contributos qualificados e pelos testemunhos significativos de algumas pessoas da Obra, que tinham sido convidadas, entre elas uma focolarina casada do Congo, mediadora cultural, que está em Itália há 32 anos, uma gen do Ruanda, estudante universitária; que está na Itália com toda a família desde os seis meses de idade; e uma psicóloga que trabalha na sede da AFN de Roma (Ações para Famílias Novas - adoções internacionais).

Os dois professores universitários presentes e também dois dos nossos especialistas que foram oradores, solicitaram que o Seminário se pudesse repetir em breve nas suas Universidades ou nas suas cidades.

Os deputados pediram-nos depois os textos e os materiais das intervenções, para poderem ser estudados na Comissão Parlamentar, porque o respetivo projeto de lei será brevemente discutido, para poder ser aprovado. Isto dar-nos-á a oportunidade de continuar a manter relacionamentos pes-

soais preciosos e a construir outros com deputados, tendo em vista a possibilidade de ter influência no trabalho das Instituições a favor da intercultura e do acolhimento, ao serviço do bem comum e das necessidades reais.

Para nós foi uma ocasião nova para apertar os «nós» das redes a nível nacional e para experimentar e oferecer a competência, a riqueza humana e a preparação profissional, iluminada pelo Ideal, de muita gente da Obra. Mas, sobretudo, foi uma confirmação de quanto «feito» e «força» pode ter o facto de «nos apresentarmos juntos e devidamente preparados, com Jesus no meio!»

Experimentamos que esta realidade nos ajuda a estar à altura dos temas que enfrentamos, do momento histórico e político da Itália e nos dá capacidade para poder dialogar com pessoas de origens culturais às vezes mesmo muito diferentes da nossa, transmitindo os valores do Ideal sem compromissos.

A *CittàNuova*, presente no "Laboratório", vai extrair do nosso seminário um aprofundamento sobre este tema, que será publicado numa das próximas edições da revista.

Estamos conscientes de quanto é cada vez mais necessário atuar com sinergia entre nós, estendendo a nossa rede e apertando os nós existentes, e quanto é oportuno estabelecer ligações operacionais com os outros "Mundos" do Projeto Itália.

Patrizia Bertoncetto, Stefano Serratore



Publicamos telegramas enviados pela Emmaus relativos aos últimos focolarinos e focolarinas que chegaram à Mariápolis Celeste e outros perfis de alguns internos da Obra. Os que não podemos publicar, por motivos de espaço, podem ser consultados na Mariápolis on-line

Jean-Pierre Mukoko

Uma fé inabalável em Deus-Amor



O Jean-Pierre, focolarino casado, natural do Congo, que vivia há oito anos em Nantes (França), por motivos de saúde, partiu repentinamente para o Céu, no passado dia 2 de fevereiro.

Nasceu em 1954 em Kinshasa, na República Democrática do Congo. Encontrou Deus através do Movimento dos Focolares, em 1973, ainda antes de o Movimento ter chegado a este país. Apesar das dificuldades vividas, mesmo em momentos de perseguição, permaneceu fiel à escolha de Deus amor.

A Nestorine, sua mulher, também aderiu a esta vida e o casal Mukoko-Ntemo, dando testemunho de verdadeiros cristãos e de unidade na família, cedo contribuiu para o nascimento de um vasto movimento de *Famílias Novas* por todo o país. Anna Maria e Danilo Zanzucchi disseram a respeito deles: “No Congo, são os responsáveis de *Famílias Novas* que sustentam toda a comunidade dos Focolares”.

“Papá Jean-Pierre”, era assim chamado no Movimento, com o seu bom humor e com o sentido profundo do que é justo, tornou-se construtor de paz e de alegria. Quantas situações dolorosas e quantos problemas conseguiu resolver.

Era um artista, diretor do Teatro Nacional de Kinshasa, onde colocava em cena obras importantes, enfrentando, às vezes, riscos e sofrendo até interrogatórios por parte da polícia. Durante algum tempo foi conselheiro do Ministério da Cultura. Nos anos da guerra civil em Kinshasa, criou um grupinho de atores, ao qual Chiara deu o nome «O Amor vence», desenvolvendo assim um programa de evangelização, com obras teatrais baseadas no

Evangelho. Ao mesmo tempo, ocupou-se com zelo na catequese da sua paróquia, a partir dos anos '70.

Para o Jean-Pierre, foi uma grande alegria, em 2004, a abertura do focolar masculino. Foi graças a ele que os focolarinos puderam passar a conhecer, também com os seus espetáculos, a riqueza cultural congoleza.

Em 2006, para tratar do seu coração, teve que ir viver para França, e a Nestorine ficou com os filhos em Kinshasa. Durante este longo período, o Jean-Pierre, provado pela doença e pela solidão, ajudado por Jesus no meio com o focolar, pela comunidade e pelos membros da sua família, entregou tudo a Deus com confiança, como uma criança do Evangelho.

O Jean-Pierre e a Nestorine mantiveram uma forte unidade entre eles. Todos os dias, durante anos, falaram por telefone, continuando a partilhar a sua vida e a tomar decisões em conjunto. As formalidades administrativas, para conseguir que a família se reunisse, duraram quatro anos, enquanto a saúde de Jean-Pierre piorava pouco a pouco.

Mesmo assim, ele encontrou a força para amar os seus irmãos e irmãs do Congo e para transmitir o Ideal de Chiara, já não com peças de teatro, mas através da criação, com um seu amigo congolês, do site “*FOCOLARICONGO*”, destinado a todos os membros do Movimento no Congo, e também de fora, que, com determinação, mesmo a partir do hospital, conseguiu colocar em rede todos os meses.

Tendo finalmente obtido os vistos, a Nestorine e os dois filhos mais novos chegaram a Nantes seis semanas antes da sua partida. A família estava finalmente reunida.

A Palavra de Vida que Chiara lhe deu é: “*Ele permanece fiel*” (2 Tm 2,13).

Em 1996, escreveu a Chiara: “A espiritualidade coletiva, esta nova bomba, é uma grande des-

coberta e uma grande riqueza para mim e para a minha família. Obrigado!”

Durante a minha viagem a Fontem escreveu-me: “A África é o continente de Jesus Abandonado por excelência. Vive cada dia o seu múltiplo semblante de guerras, de inimizades e de dificuldades da vida quotidiana... e eu prometo-te que, apesar da precariedade da minha saúde, quero ser uma ajuda que vive pelo advento do ‘sol’ africano”.

Imaginando-o imerso na Luz, rezemos pelo Jean-Pierre e confiemos a Nestorine e a sua família a Nossa Senhora.

Graziella Blasi Piazzini

O encanto da vocação

No dia 18 de fevereiro, enquanto se preparava para participar na Missa de quarta-feira de Cinzas, partiu para o Paraíso a Graziella, focolarina casada dos primeiros tempos de Ósimo (Ancona), com 90 anos de idade. O seu funeral, na catedral de Ósimo, foi uma verdadeira festa, com cânticos e com o emocionado reconhecimento dos netos e de toda a família.

Envio-vos o perfil preparado para o momento, o testemunho da sua escolha totalitária de Deus e da sua fidelidade a Jesus Abandonado, que marcou particularmente a sua vida.

A sua unidade com Chiara foi constante. é muito bonito e actual o que escreveu em 1979: *“Todas as manhãs, ao receber Jesus Eucaristia, pensava que era o momento mais importante do dia (e é ainda verdade!)... Nestes dias, porém, percebi de uma maneira nova e muito forte que poderei encontrar-me com Ele em cada pessoa que encontro”.*

Confiando ao amor de Nossa Senhora os seus filhos: Diana, Claudio e Lidia Francesca, e as suas famílias, unidos no Pacto e agradecidos pelo seu exemplo de vida, rezemos por ela.

A Graziella conheceu o Movimento três meses antes do seu casamento com Vittorio. Ficou tão impressionada que quis colocar logo a sua

vida à disposição do Carisma.

Um ano depois nasceu a sua primeira filha: «Começou então o meu calvário – contou - uma séria infecção pós-parto, com febre altíssima, obrigou-me a ficar de cama por muitos dias...».

Depois de dez anos de internamentos em hospitais de várias cidades da Itália e de cinco intervenções cirúrgicas, voltou para a sua cidade e encontrou um grupo de pessoas que viviam o Ideal. A Graziella tinha dentro um fogo que contagiava todos, pronta a partilhar as suas experiências e as graças que Deus lhe concedia. *“Na minha sala – escreveu – sucediam-se encontros profundos e cheios de entusiasmo. A casa enchia-se de jovens que, sedentas de Deus, queriam conhecê-Lo. Algumas de-las estão agora no Focolar.*

O Ideal difundia-se cada vez mais. A sala da sua casa já não era suficiente, por isso a Graziella colaborou com outras pessoas de Ósimo para fazer os

encontros nas salas de alguns hotéis de Loreto (Ancona). No Natal de 1963, Chiara anunciou a abertura dos focolares na região de Marche. «Fizemos como que uma competição para os mobiliário e para os tornar o mais bonitos possível, privando-nos de muitas coisas; e estávamos muito felizes – disse a Graziella».

A sua unidade com Chiara era constante. Graziella pediu-lhe uma frase do Evangelho como guia para a sua vida e Chiara escolheu para ela: «E a partir daquele momento o discípulo acolheu-a em sua casa» (Jo 19,25). Decidiu, pois, consagrar-se a Deus, como ela mesma escreveu: *“Jesus Abandonado, o meu único Tudo, esperava-me. Fiquei gravemente doente a ponto de ter de deixar de participar nos encontros e de ir ao focolar, mas a ‘Vida’ nascia por toda a arte”.*

A Graziella manteve sempre uma intensa correspondência com Chiara, com as primeiras focolarinas e com Iginio Giordani.

Tinha sempre a alma aberta sobre grandes horizontes. Escreveu a Chiara: «Nunca como agora experimentei compreender, com os olhos da alma, o sentido da minha vocação, isto é, que não é só para mim, mas devo estar aberta à humanidade e àquela fraternidade universal pela qual tu



consomes cada anseio e instante da tua vida».

No último período da sua vida passou por um momento de provação. Escreveu assim: “Há algum tempo estou a atravessar uma fase de escuridão intensa, com alguma serenidade, com dores que me trituram a alma. Mas o Altíssimo lembra-me que não devo interromper aquele diálogo com Jesus Abandonado, que foi sempre a minha paz, a minha alegria e... a minha ressurreição. Ele recorda-me que devo voltar a contemplá-Lo com a intensidade dos primeiros

tempos, mas sempre nova, até chegar a ser Ele, só Ele». «Conforme a minha Palavra de Vida – escreveu noutra momento – peço a Maria que faça crescer em mim um amor cada vez maior pelo Amor Abandonado... até O encontrar no Paraíso, junto de todos, naquele Paraíso, como disse o Poeta Dante Alighieri, “onde se pode aquilo que se quer”».

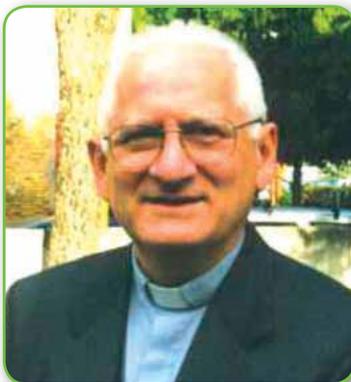
Naquele Paraíso imaginamo-la agora, recebida finalmente nos braços daquele Deus Amor, ao Qual conseguiu ser fiel até o fim.

Pe. Virgilio Zuffada

«Fiz-me tudo para todos»

O Pe. Virgilio Zuffada, sacerdote focolarino italiano nasceu em Nibbiano (Piacenza), no dia 2 de novembro de 1936. Depois de ter estado em várias paróquias, em 1967 foi para o Brasil como sacerdote *fidei donum*, onde permaneceu até 1974. Antes de partir, o seu companheiro de missão convidou-o para participar num encontro no Centro do Movimento no qual Chiara apresentou o tema: «A paixão pela Igreja». O Pe. Virgilio ficou profundamente marcado por aquelas palavras, que orientaram para sempre a sua vida e a sua missão em direção à unidade. No Brasil, procurou contactar com os sacerdotes do Movimento, mas foi quando voltou à Itália que o Ideal se tornou o verdadeiro motor da sua vida, que o levou a tornar-se sua testemunha. A alma do Pe. Virgilio ficava sempre atenta ao que Deus lhe pedia, sobretudo na disponibilidade ao próximo, fosse quem fosse, sempre reconhecido como irmão, ajudado pela Palavra de Vida que Chiara tinha escolhido para ele: «Fiz-me tudo para todos, para ganhar alguns» (1Cor 9, 21). O Pe. Virgilio viveu de modo exemplar, fazendo-se totalmente um com os outros, para levar o Evangelho a todos,

A comunhão com os amigos do Focolar, ajudou que o seu presbitério se abrisse ao acolhimento de pessoas das mais variadas exigências e necessidades. Algumas delas, com uma vida mais



aventureira e conturbada, mudaram decididamente de vida, encaminhando-se para o bem. A tensão à unidade levou-o a construir relacionamentos de fraternidade com todos os padres da diocese oferecendo, a alguns deles, a sua própria casa, para que pudessem viver em comunidade. Também no contexto social deu a sua contribuição, ao participar na delegação da fundação do “Centro Iginio Giordani” de Piacenza, para promover a cultura da unidade. É autor de vários pequenos livros de poesia que escreveu como meio de evangelização, novas mensagens para estabelecer relacionamentos com pessoas de culturas diferentes.

Sempre pronto a dizer um sim total e generoso aos vários convites e propostas do Bispo, às muitas experiências pastorais, junta-se a de capelão de hospital e de responsável pela pastoral da saúde da diocese. Os sofrimentos que vê em muitos irmãos tornaram-no cada vez mais sensível para ouvir e participar dos seus dramas. E, quando adoeceu, encontrou-se doente a viver entre os doentes. Como Jesus, também o Pe. Virgilio soube confiar-se ao amor do Pai. Repetia muitas vezes: «Se Tu queres, também eu quero». Com este estado de alma, apesar do sofrimento, o Pe. Virgilio caminhava na luz, oferecendo-a também a quem, como ele, vivia o tempo da poda. Numa carta de 23 de julho disse: «Nos meses passados pensa-

va poder fazer, com a Palavra de Deus, e com a vida, a nova evangelização. Pelo o contrário, com as quedas imprevistas, tornei-me um inútil, um instável, um confuso e, nos hospitais de Parma e Piacenza, percebi que devo esquecer-me de mim para me fazer um com os doentes, com os enfermeiros, os familiares, os médicos». «Dou-me conta da urgência de levar Deus, sobretudo "através do contágio", por onde estamos e andamos... sem deixar de ensinar a colocar em prática a Palavra de Vida e nutrir-se da Eucaristia. A relação com Deus continuou, tendo sido a maior graça que recebi na

vida. A oração frequente é como a respiração da alma. Nestes últimos meses transferi-me para a família dos doentes. Descobri o quanto vale o dom da saúde, assim como a grande ocasião da doença para nos oferecermos a Jesus e receber com gratidão a ajuda dos irmãos».

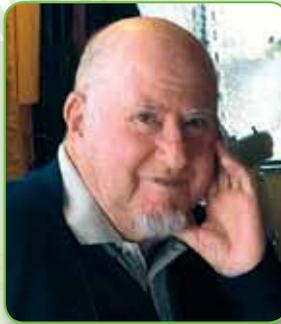
No início deste ano, ao renovar o seu "Sim" alegre e pleno, com o olhar em Jesus Eucaristia, repetiu: «Que belo se também de nós, todos reunidos no Seu nome, Jesus pudesse dizer: "Isto é o Meu Corpo!"». Partiu serenamente para o Céu, no dia 15 de janeiro.

Antonio Olivero

Doretto Cervia

«Confiai, eu venci o mundo»

Sempre pronto a captar o alcance das grandes novidades do momento, em 1967, o Doretto foi um dos primeiros de La Spezia a abraçar o Ideal e a esforçar-se por dar a conhecer o Movimento. Desde logo, todo o seu departamento (era operário na empresa Oto Melara) ficou conquistado por esta nova proposta evangélica e, aproveitando o intervalo do almoço, começaram a encontrar-se para partilhar as experiências que, com espanto, conseguiam fazer. O grupo cresceu pouco a pouco e Chiara, tendo tido conhecimento deste novo impulso espiritual, nascido numa empresa que produzia canhões de guerra, quis conhecê-los pessoalmente. E foi assim que cerca de trinta pessoas se dirigiram a Rocca di Papa. Foi um momento histórico. Muita emoção e muita hesitação em tomar a palavra, mas Chiara encorajou-os, fez-lhes perguntas e ouviu-os com muita atenção. Contaram-lhe como Jesus no meio estava a mudar a vida deles e o ambiente na empresa. No fim, ela exprimiu-lhes o seu apreço pela experiência tão extraordinária na qual viu os prenúncios daquele que seria mais tarde o Movimento Humanidade Nova. E deu-lhes uma Palavra de Vida: «Confiai, Eu venci o mundo», que escreveu com o seu punho com uma dedicatória: «Para os de Oto Melara».



O Doretto sentiu a chamada para se tornar um voluntário e a sua vida foi sempre impregnada de energia e entusiasmo. Mas o que lhe fez meter a "quarta" foi o aparecimento da doença que o "atirou" para uma cadeira de rodas. Percebeu que estava ainda diante de um projeto de amor e o seu "sim" a esta nova vontade de Deus deu-lhe uma alegria sem limites que quis comunicar a todos. Colaborou no jornal interparoquial *O Caminho*, que publicou as suas comoventes experiências, fruto do amor a Jesus Abandonado e da sua especial sensibilidade para consolar e iluminar o sofrimento dos irmãos.

A sua participação no núcleo foi sempre muito difícil, mas os voluntários iam visitá-lo muitas vezes, assim como os focolarinos de Génova. Doretto não podia utilizar as pernas, mas «ganhou asas...». Dizia que não lhe interessava curar-se, porque encontrou uma cura muito mais importante, a da alma. Nos últimos tempos deu passos de gigante, apoiando também a mulher, Marta, que o acompanhou com dedicação e coragem em muitos momentos difíceis.

O Doretto deixou-nos no dia 24 de outubro. Três dias antes, enquanto decorria a Assembleia dos voluntários, telefonou para dizer que estava a entrar no hospital. Não pediu orações pela sua recuperação «mas para fazer bem e com alegria a vontade de Deus».

Giorgio Martelli e o Centro dos Voluntários



Agnese Salizzoni Rizzoli

Nos primórdios do focolar

Chegou serena à casa do do Pai, com 88 anos de idade, a Agnese, irmã da Aletta Salizzoni, uma das primeiras focolarinas. Com uma fé cristalina, quando tinha dez anos encontrou, nas escadas de sua casa, um vizinho que, com raiva, agarrando-a pela cabeça com as mãos, a levantou em peso e a atirou pelo ar, com ódio pela sua fé. E ela sentiu-se orgulhosa por ter sofrido isso por amor a Jesus. A Agnese conheceu Chiara e as suas primeiras companheiras no refúgio antiaéreo, perto da Praça dos Capuchinhos, em Trento, no ano de 1944. A Aletta contou: «Fascinada pela alegria contagiosa delas, falou-me do que sentia, mas não me recordo que me tivesse falado dos ideais delas. Por isso, não sabendo quase nada, se a minha irmã me convidava para ir com elas, eu respondia-lhe: "Vai tu"». A Agnese esteve entre as quatro ou cinco raparigas que se reuniam em Martignano, no celeiro paterno, a ler juntas as cartinhas que Chiara lhes escrevia. Fez parte do primeiro grupo de jovens seguidos por Chiara, que a chamou de «Fiore». Atraída pelo focolar, foi pela própria Chiara aconselhada a casar-se com Lorenzo, que a Agnese já conhecia. Tiveram cinco filhos e passou a sua vida com a família, mãe e esposa exemplar, enriquecida pela luz que Chiara lhe tinha transmitido quando era jovem, que nunca esqueceu nem traiu.

No dia do funeral de Chiara, a Agnese, de modo muito significativo, recordou à Aletta um facto, talvez de 1945: «Subia a pé para Martignano e cruzei-me com cinco ou seis "pope" e Chiara, numa ruela com degraus que dava para a Praça dos Capuchinhos. Estivemos a conversar. Naquelas escadinhas, ouvíamos Chiara, que naqueles dias tristes de guerra, nos abria o coração e nos dizia: "Fomos feitas para ir para o Céu e, quando chegar a nossa hora, Jesus vai receber-nos de braços abertos!". Antes de partir, no dia 5 de janeiro, a Agnese sussurrou aos seus filhos: «Voléve ben, queiram-se bem».

Maria Treu

José Maria Cortez Marques

Um coração generoso aberto à humanidade

No dia 5 de junho, chegou à Mariápolis Celeste o José Maria, de Braga. Tinha 86 anos, e foi, nos anos sessenta, um dos pioneiros do Ideal em Portugal e um dos primeiros voluntários da zona.

Arquiteto de formação, foi também professor e perito imobiliário. A sua vida de leigo, sempre fiel à Igreja e ao carisma da unidade, apesar de ter passado por picos de abandono e ressurreição, produziu frutos visíveis na comunidade da Obra em Braga. Com uma personalidade perspicaz e livre, soube sempre comunicar com desapego o seu pensamento sobre as circunstâncias e os desafios que se lhe apresentavam. Sabia também manifestar uma amizade profunda, que brotava do seu coração generoso e aberto à humanidade.

Casado com a Adriana, tiveram seis filhos e muitos netos. Muitos deles participam da vida da Obra, de diversos modos. Na sua casa todos nos sentíamos recebidos num clima de família extraordinário. Procurou permanecer útil a trabalhar, mas, aos 81 anos, a saúde impediu-o. Com o decorrer dos anos notava-se nele uma humildade que crescia cada vez mais e que fazia com que aceitasse as contrariedades com mansidão e visse com apreço as atitudes dos outros, mesmo as aparentemente banais.

No último período, esteve durante quase um mês no hospital. Apesar do sofrimento, sentia-se que era forte a experiência do amor de Deus. Este clima tocou muita gente, médicos, enfermeiros auxiliares... Diziam-nos: «Nunca vimos uma família tão unida e serena em circunstâncias como esta. Não é comum ver uma pessoa de idade e doente, que seja assim tão acompanhada, durante tanto tempo e cuidada com tanto amor». Uma jovem enfermeira que não queria ter filhos, disse, comovida, que, depois de ter conhecido a nossa família, tinha mudado de ideias.



Tobé Vieira de Oliveira

Jessica Pisauri

Ao serviço da diocese

A Jessica nunca se poupou. Desde criança que a mãe lhe entregou os irmãos mais pequenos, tendo a certeza de que poderia confiar nela.

Aos 14 anos encontrou o Ideal. Começou a participar nos campos de férias organizados pelo Movimento Diocesano, que na província de Macerata - onde vivia - é muito vivo: aí aprendeu a crescer na relação com Jesus, através da espiritualidade da unidade. Graças a ela, também os irmãos conheceram o Ideal. Percebeu a sua vocação: tornar-se uma empenhada do Movimento Diocesano. Significava oferecer-se a Deus, isto é, a Deus na Obra, servindo a Igreja na Diocese.

Em 2002, casou-se com o Roberto e nasceram Lorenzo e Luca. Licenciada em Filosofia, com grande capacidade para ensinar, era irrepreensível nas tarefas que a Presidente lhe confiava, estimada pelos colegas, amada pelos alunos, que iam visitá-la durante a doença, que se manifestou em agosto de 2009. Foi operada de urgência. Parecia que tudo estava resolvido, mas, pelo contrário, foi o começo do seu calvário. Organizou-se uma cadeia de orações por esta jovem mãe, que enfrentou os tratamentos dolorosos com dignidade, toda decidida a viver o momento presente.

Quando começaram os preparativos para a primeira Comunhão de Lorenzo, a Jessica sentiu uma imobilização progressiva do braço e depois da perna, que a obrigaram a usar a cadeira de rodas. A comunidade continuou a pedir o milagre. Foi uma travessia muito dura. O milagre finalmente aconteceu: do desespero, a Jessica passou ao amor, com um abraço incondicional a Jesus Abandonado e, caminhando agora na luz, como um balão de ar quente, começou a desapegar-se



das coisas da Terra.

Continuou a decidir com o Roberto as coisas da família. As crianças faziam os trabalhos de casa no quarto dela, que cada vez mais parecia um crucifixo vivo. Jesus Eucaristia, que recebia todos os dias, foi a sua força e a sua paz. O pároco marcou um dia para celebrar Missa no seu quarto. A Jessica pediu para serem convidadas todas as pessoas a

quem estava mais ligada. Vieram também outras pessoas empenhadas na diocese, que trouxeram uma viola. Foi um momento de Paraíso. No fim chegou também uma saudação telefónica dos delegados da Obra na zona: Maria e António.

A partir desse dia uma força extraordinária acompanhou-a até ao fim. Ofereceu tudo pela Obra, pelo encontro de jovens do Movimento Paroquial e do Movimento Diocesano que se estava a realizar em Benevento. Deixou esta Terra, com 39 anos de idade, no dia 10 de agosto de 2014. Na missa do funeral, a leitura era do Apocalipse «Eis a Cidade Santa, a cidade de Jerusalém, pronta como uma esposa...».

Maria Palladini

Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: **Agnese e Giuseppina, irmãs de Aletta Salizzoni**, focolarina dos primeiros tempos; **Violette, mãe de Margaret**, focolarina no Centro da Obra e de **Anna Maria Karram**, voluntária em Haifa; a **mãe de Marcellus Nkafu Nkeze** focolarino no Burundi; **Maria, mãe de Ionella Tomasello**, focolarina na Mariápolis Romana; **Min Iek, pai de Mariana Chan**, focolarina em Hong Kong; **Boniface, pai de Agnes-Marie Keuho**, focolarina em Douala; **Anna, irmã de Francesca Bucalo**, focolarina em Catânia; **Teresa, mãe de Remedios (Reme) Selva**, focolarina em Loppiano; **Yolanda, irmã de Maritza Vasquez**, focolarina na Cidadela Luminosa; **Maria, mãe de Donatella Cardaci e Vincenzo, pai de Rita Gentile**, focolarinas casadas em Roma; **Eichici, pai de Mitsuko Nawano**, focolarina em Tóquio.

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Março de 2014 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora : Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

CONTRASTE um concerto pela PAZ

Nos passados dias 7 e 8 de março, o Conjunto gen - Contraste - participou no fim-de-semana pela Paz, organizado pela Paróquia e Junta de Freguesia de Esporões, em Braga. Foi idealizado e concretizado como fruto de uma experiência da comunidade local, já iniciada há algum tempo. Durante a tarde de sábado, os gen encontraram-se com as crianças, com os adolescentes e jovens, partilhando as próprias experiências e fazendo pequenos workshops. Desta forma, também eles puderam participar ativamente no concerto da noite, com uma canção e uma encenação.

O concerto, através de um percurso feito de diálogos, canções, experiências e uma encenação, desafiou, com força e convicção, os mais de 500 espectadores a tornarem-se protagonistas de um mundo de Paz.

No domingo, os gen do Conjunto Contraste animaram também a missa na paróquia de Esporões e participaram na conclusão do fim-de-semana pela Paz. Visivelmente impressionado, o Presidente



da Junta exprimiu o desejo que muitos jovens de Esporões se possam tornar construtores de pontes, "como estes jovens, vindos dos 4 cantos do país, para nos dizer que construir a Paz é possível e é fonte de alegria!".

Uma iniciativa com forte impacto que deixou uma marca nos habitantes de Esporões, nos gen e em toda a comunidade. Uma experiência, bem inserida na vida da comunidade local, que promete continuar a dar os seus frutos!

Os próximos espetáculos dos Conjunto Gen serão no dia 9 de maio nas Caldas da Rainha e no dia 10 de maio em Oeiras. São todos bem-vindos!

